

por alexandre maron

Horário político

Séries que mostram os bastidores da política ganham cada vez mais fãs, contrariando a idéia de que as pessoas não se interessam pelo assunto

UM FENÔMENO QUE SE REPETE A CADA ELEIÇÃO aqui no Brasil e que certamente vai acontecer novamente daqui alguns meses é o da audiência às moscas na hora da propaganda eleitoral. Desinteresse pelo assunto? Não parece ser verdade quando, ao olhar para os seriados de sucesso, vê-se uma quantidade sem igual de programas com temática retirada do noticiário político mundial. Enquanto quase ninguém se interessa por propagandas promovendo os candidatos reais a cargos eletivos, os políticos da TV – Josiah Bartlet, Mackenzie Allen, Laura Roslin e Charles Logan – tornaram-se figuras amadas ou odiadas, mas sempre seguidas de perto pelos espectadores.

Não há um mistério muito grande por trás do interesse nesses personagens. O principal motivo é o fato de eles serem, em geral, figuras idealizadas ou simplesmente inéditas. Josiah Bartlet (Martin Sheen), de "The West Wing" (Warner, sextas, 22h), e Mackenzie Allen (Geena Davis), a primeira presidente do sexo feminino dos EUA, de "Commander in Chief" (Sony, segundas, 21h), são as mais perfeitas encarnações do que todo mundo sonharia ter como presidente. Principalmente os norte-americanos, que vivem a conturbada era Bush, com guerra no Iraque, tensão no Irã, alertas coloridos e denúncias de que o líder máximo do país chegou a autORIZAR a revelação da identidade de uma agente secreta. →



A LÍDER DO MUNDO LIVRE GANHA UMA
interpretação segura de Geena Davis no drama "Commander in Chief", do canal Sony

FOTO: DIVULGAÇÃO

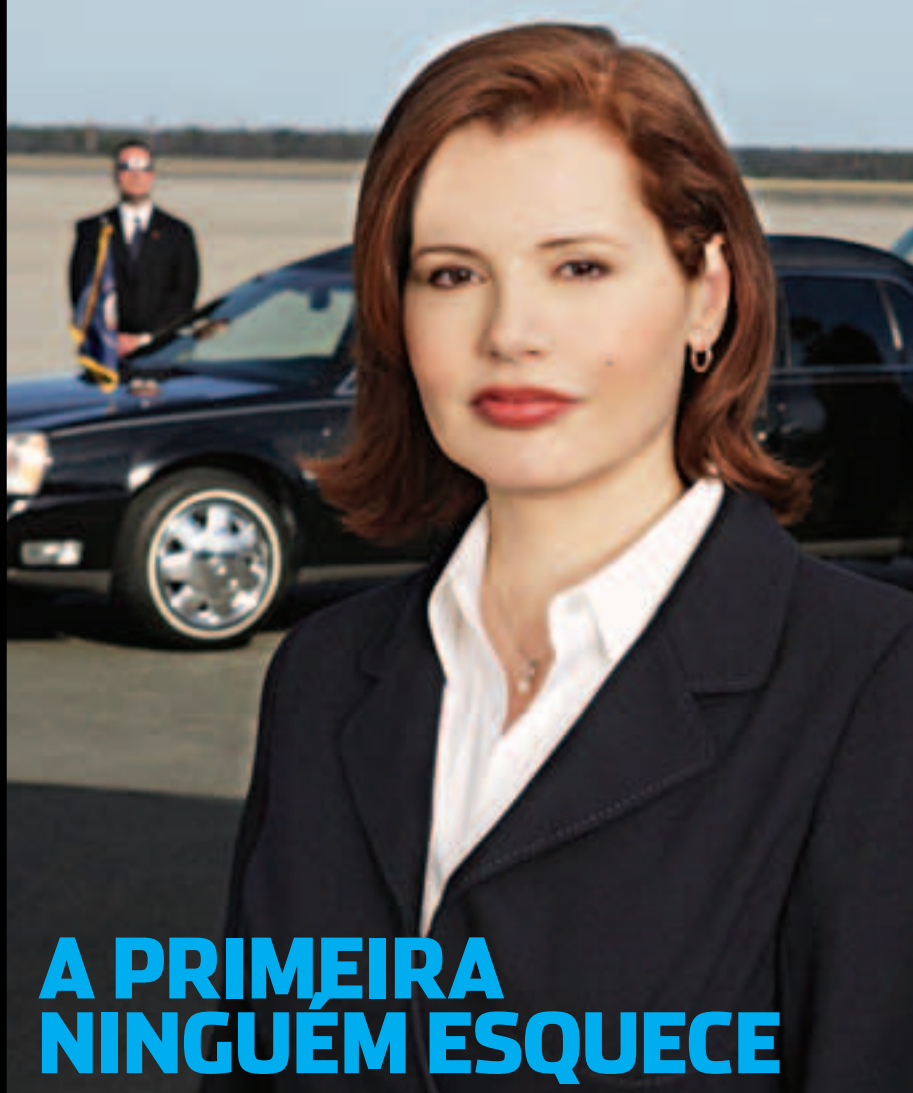
Muita gente não esperava ver tramas políticas em "Battlestar Galactica" (TNT, terças, 23h). O seriado, baseado em um sucesso da década de 70, conta a história dos 50 mil sobreviventes do genocídio da raça humana frente aos robôs que criaram vida própria e se rebelaram contra seus criadores. Na confusão da fuga, a secretária de Educação Laura Roslin (Mary McDonnell) é nomeada presidente e precisa costurar acordos com as diversas facções formadas pelos sobreviventes, principalmente com o protagonista da série, Adama (Edward James Olmos). É ele o comandante da única nave de guerra, a Galactica, que dá nome ao programa.

As intrigas de bastidores, as traições e os dilemas morais enfrentados por Roslin e Adama são uma parte importante do que torna "Galactica" um dos melhores dramas da TV. Os episódios trazem temas como tortura, ética na administração e a discussão sobre o direito ao aborto em um mundo no qual os humanos estão ameaçados de extinção.

Já em "24 Horas" (Fox, segundas, 21h), os criadores investiram em uma inversão de expectativas. Jack Bauer (Kiefer Sutherland) era capaz de dar sua vida pelo primeiro presidente afro-americano da história dos Estados Unidos, David Palmer. Jack se arriscava porque sabia que ele era um homem honrado. Só que Palmer foi assassinado no primeiro episódio da atual temporada e agora Bauer segue as ordens de Charles Logan (Gregory Itzin, leia box na página 59), um homem interessado apenas na opinião pública. Um contraste com Palmer, que chegou a tomar atitudes impopulares e dizer que não queria se reeleger, mas servir ao país.

"Os seriados americanos têm base em duas pontas: a ideologia da segurança e a unidade da família, sempre com a intenção de espelhar a democracia. O presidente, principalmente na série '24 Horas', é um coordenador do esquema de segurança. A idéia é tirar a figura do presidente da liturgia do cargo e aproximá-lo de uma pessoa comum, até de um combatente que, como na época dos vikings, vai para a linha de frente, mas que responde às situações de forma democrática", analisa o professor Muniz Sodrê, doutor em comunicação pela Universidade Federal do Rio de Janeiro.

Mas ver a cada episódio esses personagens virtuosos resolvendo dilemas morais é apenas parte do que faz os espectadores voltarem uma semana após a outra. Criar presidentes idealizados é também a forma de



A PRIMEIRA NINGUÉM ESQUECE

Quando Thelma, a personagem de Geena Davis em "Thelma e Louise" (1991), jogou seu carro no abismo no fim do filme, colocou a atriz em uma posição ímpar na indústria cinematográfica. A partir dali, ela marcou época em papéis que são normalmente reservados a homens: agente secreto, herói do time de beisebol e, agora, presidente dos Estados Unidos no seriado "Commander in Chief". Aos 50 anos, a atriz sempre procura mulheres complexas e não se permite fazer personagens que não tenham nada. Confira seu bom humor na entrevista que ela concedeu à imprensa internacional em Los Angeles, com a reprodução do avião Air Force One servindo de cenário.

MONET – O que levou você a aceitar este papel?

GEENA DAVIS – Nesse momento, a TV conta com ótimos roteiristas e os melhores papéis femininos, principalmente para alguém com a minha idade. Quando me ofereceram essa personagem, eu acho que teria aceito mesmo que dissessem que a série se passaria em um navio. Eu simplesmente amei a idéia de fazer a primeira mulher presidente. Me perguntei como nunca tinha pensado nisso antes. Sempre penso que personagens gostaria de interpretar, quais seriam divertidos ou desafiadores. E ser a primeira presidente feminina é tudo isso. Ao mesmo tempo, fez sentido em termos do caminho que eu tenho trilhado, que é interpretar mulheres complicadas que tomam suas próprias decisões sobre seus destinos. Há tão poucas oportunidades para mulheres assistirem a um seriado e ficarem gratificadas. Com "Thelma e Louise", eu passo pela situação de estar dirigindo e, no carro ao lado do meu, vejo várias mulheres gritando emocionadas. E isso não acontece quando você faz algo como "As Meninas Fáceis". Eu acho que fiquei viciada nisso.

O quanto seu personagem significa ser a presidente que todos sonham em ter, mais do que uma pessoa neste cargo conseguiria ser?

Não tenho nenhuma dúvida de que vendo um personagem como esse, ele preenche aquele anseio que todos temos. Nós queremos que a pessoa que elegemos

presidente tenha a fibra moral para fazer o que é certo em vez daquilo a que é forçado ou empurrado. Ou o que é ditado pelas pesquisas e pelas convenções, de que eles serão a pessoa que fará o que é certo para nós. E eu não sei se poderíamos dizer que isso acontece muitas vezes. Acho bom ver isso pelos menos em um seriado.

Quais são os tipos de história que você mais gosta tendo como cenário a Casa Branca?

Adoro quando a presidência colide com a família. Quando há uma crise nas duas áreas e meu personagem precisa, de alguma forma, lidar com isso. É o que as pessoas vivem na vida real. Nós temos trabalhos e vidas complicadas, famílias que precisam de nós e tentamos fazer tudo isso funcionar. A maioria das mulheres americanas trabalha e não podem se dar ao luxo de escolher entre ficar em casa com as crianças ou ir trabalhar. Elas precisam daquele dinheiro e precisam fazer as coisas funcionarem. É assim que estamos tentando mostrar a presidente. É claro que é um exemplo extremo, mas ver isso acontecendo na Primeira Família é interessante.

Você sempre gostou de personagens femininas fortes. O que a leva a essas escolhas?

Começou com meu interesse por papéis de mulheres que tivessem algo a fazer, que não fossem só um interesse romântico. Sempre gostei muito mais de fazer a namorada de um cara que está virando mosca do que uma mulher que fica apenas assistindo aos acontecimentos. Tive sorte de ter conseguido alguns dos papéis. Eu fui uma heroína do beisebol em vez da mulher do herói, fui uma capitã pirata. Tudo bem que não deu certo e acabou que ninguém mais conseguiu ser uma capitã pirata (*risos*). Eu só queria fazer trabalhos que me completassem criativamente e mulheres que tivessem algo a fazer na trama. Depois de alguns desses filmes terem obtido reações fortes do público feminino, eu comeci a notar que não só eu sou atraída por esses papéis. As mulheres também gostam de ver filmes nos quais há um personagem com o qual elas conseguem se identificar.

Você acha que a série ajuda o público a aceitar a idéia de uma mulher presidente?

As últimas pesquisas constataram que entre 70 e 80% dos americanos dizem que, se uma candidata do sexo feminino fosse a mais qualificada, eles se sentiriam confortáveis em votar nela. Quem sabe o que vai acontecer? De qualquer modo, é algo legal de se responder em um questionário de pesquisa.

Já pensou em concorrer a algum cargo, no estilo de Arnold Schwarzenegger, que é o atual governador da Califórnia?

Oh, não. Nunca pensei nisso, mas todo mundo está falando no assunto agora. De qualquer modo, não quero ser governadora. Depois de chegar à presidência, seria um passo atrás.

ESSAS SÉRIES SÃO BASEADAS NA IDEOLOGIA DE SEGURANÇA E NA UNIDADE DA FAMÍLIA

Hollywood dar o seu pitaco sobre como as questões deveriam ser resolvidas. "Mackenzie Allen preenche o anseio que todos temos. Queremos que o presidente tenha a fibra moral para fazer o que é certo em vez do que é forçado ou empurrado", diz Geena Davis, intérprete da personagem.

Os roteiristas usam as histórias como uma forma de comentar eventos que acontecem no mundo real. Ou pelo menos deveria ser assim. Joel Surnow, um dos criadores de "24 Horas", diz que sempre se surpreende com a forma como os fatos do mundo real vão ficando parecidos com as histórias da série. No segundo ano, quando Jack Bauer tentava evitar que os Estados Unidos entrassem em guerra com países árabes com base em falsas evidências, os EUA estavam mergulhados no debate sobre a então cada vez mais próxima invasão do Iraque. Como se viu depois, Surnow e sua equipe podem ser quase clarividentes.

No momento, enquanto as pessoas se irritam com a idéia de eleições e todo o estresse inerente do evento, "Commander in Chief" já fala do assunto. "West Wing" está em plena disputa pela sucessão de Bartlet. Em "Galactica", as eleições presidenciais serão assunto crucial no final da temporada. Uma indicação de que, se o assunto é chato do lado de quem vota, é emocionante para quem acompanha os bastidores. →



Séries políticas são também foco de pressão. Aaron Sorkin usou "West Wing" para discordar das políticas do governo Bush após o 11 de Setembro. Caiu em desgraça, foi pego com drogas e demitido em um ano.

Martin Sheen, o intérprete do presidente Bartlet, se envolveu em protestos anti-Bush e não hesitava em responder perguntas sobre como seu personagem resolveria questões enfrentadas pelo governo verdadeiro.

Com apenas sete episódios de "Commander in Chief" filmados, três exibidos, Rod Lurie foi destituído do comando da série sob a acusação de atrasar roteiros. Seu sucessor, Steve Bochco (de sucessos como "Nova York contra o Crime"), foi chamado às pressas e enfrentou dificuldades. Em pouco mais de dois meses, foi também afastado do comando, embora mantido como consultor.

A repercussão é enorme. Rob Lowe, que participou das primeiras quatro temporadas de "West Wing", diz que recebeu idéias de histórias do então presidente Bill Clinton.

Joel Surnow, de "24 Horas", afirma que as pessoas acusam o seriado de ser de ultradireita, já que o programa é exibido pela conservadora Fox. Mas ele diz que o time de escritores conta com diversas opiniões políticas. "Nós queremos é chocar. Somos uns mercenários e vamos até contra nossas ideologias para contar uma história chocante", disse Surnow à revista "Rolling Stone".

Bochco, de "Commander...", lembra que a principal acusação que recebeu foi de que "Commander in Chief" tinha o objetivo de funcionar como propaganda escondida para a candidatura de Hillary Clinton.

Mas ele desdenha dessas afirmações. "Eu acho que, se um seriado fosse capaz de influenciar as pessoas a respeito disso [a idéia de uma mulher presidente], seria ótimo. Hillary Clinton está sendo considerada como uma candidata já há algum tempo. Muito antes da criação desta série. Pelo que eu vejo, não fomos nós que criamos esta onda. Estamos apenas surfando nela", diz, Steve Bochco, sem esconder a ironia. ■

Colaborou Carolina Requena



THE WEST WING, todas as sextas, 22h, Warner, 47*
COMMANDER IN CHIEF, todas as segundas, 21h, Sony, 49*
BATTLESTAR GALACTICA, todas as terças, 23h, TNT, 48*
24 HORAS, todas as segundas, 21h, FOX, 50*



LATINOS NO COMANDO

Edward James Olmos esteve no elenco do seminal "Blade Runner" (1982), de Ridley Scott, um filme sobre andróides de carne e osso dirigido por Ridley Scott que discutia os limites éticos das tentativas da humanidade de brincar de Deus. Pouco mais de duas décadas depois, está em outra obra que, enquanto mostra naves espaciais e explosões, também discute grandes questões filosóficas. "Galactica" não teme falar da política atual encaixando-as na esfera do delicado tecido sociopolítico de um comboio de naves com os últimos sobreviventes da raça humana. Aos 59 anos, Olmos é um ator ativo politicamente que chegou a ser preso ao protestar contra testes feitos por uma base militar americana em Porto Rico e acha que seu Comandante Adama, a bússola moral da série, pode ser um modelo positivo para outros latinos. Em vez do traficante de drogas, um homem que lidera um povo. Leia a seguir a entrevista concedida pelo ator à MO-NET, por telefone, de Los Angeles.



O COMANDANTE ADAMA PROTEGE os remanescentes humanos. Edward James Olmos (à esq.) enxerga o personagem como modelo

MONET – O senhor conhecia a série original?

EDWARD JAMES OLMOS – Nunca tinha visto. Quando comecei a desenvolver Adama, resolvi ver a série original. Mas acabei assistindo somente ao longa metragem [que reúne os três primeiros episódios da série e foi exibido nos cinemas]. Entendi sobre o que era, analisei o estilo. Era bem aventuroso, melodramático, feito para ser um mundo no qual as pessoas não precisavam acreditar. E a série nova, pegou um assunto deixado no ar por "Blade Runner". Aquele era um mundo muito real. Pegamos aquilo e estamos hoje com um dos melhores seriados dramáticos que você vai ver na TV.

Nós sentimos nos primeiros episódios do segundo ano o peso que Adama carrega. Qual a sua opinião a respeito do fardo que fica a cargo dos líderes?

Isso é o que faz a série tão boa. Humaniza as situações de uma forma que faz você se perguntar sobre o que está acontecendo no mundo hoje em dia. Você sabe que nossos líderes são frágeis como qualquer outra pessoa. Podem ficar doentes ou, como Adama, sofrer um atentado. Adama morre duas vezes na mesa de operações e é ressuscitado. Vários líderes que passam por esse tipo de situação mudam. O que acontece depois é sempre uma incógnita. Em alguns casos, esses líderes não são mais capazes de enfrentar as situações. Em outros, acabam crescendo em função do que estão enfrentando. Os espectadores vão ver que as coisas vão ficar muito duras para os humanos. A cada episódio, o mundo da série vai ficando mais complexo, os personagens evoluem. É um universo que vai envolvendo o espectador e no qual vai se tornando inevitável se envolver. Pessoas e todo mundo estão se envolvendo nisso.

É um seriado bastante político.

Sim! Você não tem idéia do quanto está certo ao dizer isso. É uma série dramática. Que vai fundo da mesma forma que "Nova York contra o Crime" ou

"The West Wing". Qualquer seriado que fale da realidade que estamos enfrentando. Porque isso é o que esses seriados fazem: dão uma sensação do que estaria acontecendo com esses personagens se eles existissem. E, se você pensar bem, as semelhanças entre o que está acontecendo no mundo e o que você vê em "Galactica" estão ficando maiores a cada momento. Quando chegar ao fim desta temporada, o espectador vai enlouquecer.

Você estava em "Blade Runner", que mostrava andróides de carne e osso. Agora, está em uma série com seres artificiais de carne e osso novamente. Como você enxerga o conceito dos Cylons?

Nós já estamos fazendo máquinas. Já temos um tipo de Cylon e o nome disso é clone. Clonagem está acontecendo hoje e há pessoas sendo clonadas enquanto falamos, a gente apenas não sabe disso ainda. Mas o tipo de tecnologia necessária para se clonar um ser humano já foi desenvolvido. E estou certo de que há pessoas que estão fazendo isso e não vão contar para ninguém porque planejam falar disso em 30 anos. Em mais 25 ou 30 anos, vamos estar vivendo nesse mundo. Então não estamos falando de robôs fazendo robôs, mas de pessoas fazendo pessoas.

FOTOS: DIVULGAÇÃO

O MELHOR PIOR PRESIDENTE



Na contramão, o líder máximo dos EUA, o presidente Charles Logan, surge em "24 Horas" como um covarde incapaz de assumir uma posição. No thriller protagonizado por Kiefer Sutherland (foto no pé da página), os presidentes mostrados antes eram modelos de retidão moral.

Gregory Itzin (foto acima), o intérprete de Logan, vem sendo apontado pela crítica como candidato ao Emmy de melhor ator de série dramática deste ano por sua atuação como o pior presidente que um país poderia ter. "As pessoas me param nos restaurantes e falam que me odeiam, depois me dão os parabéns, dizendo que estou fazendo um bom trabalho", contou Itzin à revista "TV Guide". Ao se colocar como um covarde, seu presidente Logan virou piada geral, uma espécie de antivilão, e gerou mais comparações desfavoráveis com George W. Bush, o líder de verdade que virou saco de pancadas. No entanto, tudo indica que Logan é inspirado no ex-presidente Richard Nixon. Os roteiristas da série chegam a colocá-lo em uma situação que reproduz o momento citado no livro "The Final Days", de Carl Bernstein e Bob Woodward, em que Nixon e seu braço direito Henry Kissinger se ajoelham e rezam juntos ao ver se fechar o cerco no caso Watergate.

